





As representações dos estudantes do Ensino Fundamental em uma escola de Aguiarnópolis (TO), a partir das transformações socioespaciais da barragem de Estreito (MA)

Las representaciones de los estudiantes de Educación Primaria en una escuela de Aguiarnópolis (TO), a partir de las transformaciones socioespaciales de la represa de Estreito (MA)

1. Lucas Moreira Amário  <https://orcid.org/0000-0003-1053-0702>

1. Universidade Federal do Norte do Tocantins  Araguaína, Tocantins, Brasil

2. Marcelo Venancio  <https://orcid.org/0000-0003-1123-9597>

2. Universidade Federal do Norte do Tocantins  Araguaína, Tocantins, Brasil

Autor de correspondência: lucas.amario@ufnt.edu.br

Resumo: Este estudo analisa as transformações socioespaciais em Aguiarnópolis (TO) a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito, com foco nas percepções de estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do referido município. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2024, no Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva, envolvendo uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessa etapa escolar justifica-se pelo fato de que, nesse nível de ensino, os alunos já articulam vivências familiares, memórias locais e conteúdos escolares de forma mais elaborada. A obra da barragem iniciada em 2007 trouxe efeitos significativos na paisagem e na vida social. Assim sendo, a pesquisa foca na percepção das crianças que cresceram em uma cidade modificada pela barragem, destacando como elas vivenciam o lugar e como as memórias familiares moldam a compreensão do espaço. Como procedimentos metodológicos foram utilizados observação em sala de aula, produção de desenhos e diálogos orientados sobre o antes e o depois da barragem. As crianças ao ouvirem relatos de pais e avós associam a construção de Estreito à perda de territórios e de atividades como agricultura e pesca. Os desenhos mostram como as transformações afetaram a natureza, como a submersão de florestas e a decomposição da vegetação. Conforme Callai (2011), a educação geográfica exige que o estudante construa bases para compreender a espacialidade dos fenômenos sociais, superando a simples recepção de informações. Nesse sentido, o estudo destaca a importância do conceito de lugar no ensino de Geografia, onde as experiências vivenciadas, bem como as memórias familiares ajudam as crianças a entender o meio em que estão inseridas.

Palavras-Chave: Barragem. Transformações socioespaciais. Lugar. Representação. Ensino de Geografia.

Resumen: Este estudio analiza las transformaciones socioespaciales en Aguiarnópolis (TO) a partir de la construcción de la Central Hidroeléctrica de Estreito, con énfasis en las percepciones de estudiantes de Educación Primaria de una escuela pública estatal de dicho municipio. La investigación se realizó durante el segundo semestre de 2024 en el Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva, involucrando a un grupo de 8.º

año de Educación Primaria. La elección de esta etapa escolar se justifica por el hecho de que, en este nivel educativo, los estudiantes ya articulan de manera más elaborada experiencias familiares, memorias locales y contenidos escolares. La obra de la represa, iniciada en 2007, produjo efectos significativos en el paisaje y en la vida social. En este sentido, la investigación se centra en la percepción de los niños que crecieron en una ciudad modificada por la represa, destacando cómo viven el lugar y cómo las memorias familiares moldean la comprensión del espacio. Como procedimientos metodológicos se utilizaron observación en el aula, producción de dibujos y diálogos orientados sobre el antes y el después de la represa. Al escuchar relatos de padres y abuelos, los niños asocian la construcción de Estreito con la pérdida de territorios y de actividades como la agricultura y la pesca. Los dibujos muestran cómo las transformaciones afectaron la naturaleza, como la inundación de bosques y la descomposición de la vegetación. Según Callai (2011), la educación geográfica exige que el estudiante construya bases para comprender la espacialidad de los fenómenos sociales, superando la simple recepción de información. En este sentido, el estudio destaca la importancia del concepto de lugar en la enseñanza de la Geografía, donde las experiencias vividas, así como las memorias familiares, ayudan a los niños a comprender el medio en el que están insertos.

Palabras clave: Represa. Transformaciones socioespaciales. Lugar. Representación. Enseñanza de la Geografía.

Introdução

A Usina Hidrelétrica de Estreito (UHEE) teve suas obras iniciadas em fevereiro de 2007. Esse empreendimento hidrelétrico está localizado entre as cidades de Estreito, no estado do Maranhão, e Aguiarnópolis, no estado do Tocantins. A referida barragem é administrada por um consórcio de empresas nacionais e multinacionais, gerenciado pelo Consórcio Estreito Energia (CESTE).

A construção da UHEE foi proposta com o objetivo de “impulsionar o desenvolvimento regional com base na geração de energia elétrica a partir da força hidráulica dos rios, contribuindo, assim, para o crescimento econômico do país”. A referida barragem gerou impactos significativos em 12 municípios da área abrangida pela usina, que são: Carolina e Estreito, no estado do Maranhão, e Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins, no estado do Tocantins. Ao todo, a construção resultou no alagamento de uma área de 400 km² (Oliveira; Machado; Sieben, 2021).

Diante disso, o objetivo deste ensaio é analisar as transformações geográficas e sociais no município de Aguiarnópolis decorrentes da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito a partir da categoria geográfica “lugar”, ressaltando como essas mudanças

são percebidas pelas crianças do Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva e como essas percepções influenciam a relação delas com o espaço e a memória locais.

Diante disso, cabe mencionar que a construção da UHEE não resultou apenas em desenvolvimento econômico, mas também trouxe transformações profundas para a dinâmica social e ambiental de Aguiarnópolis. Com o alagamento de áreas significativas, muitas comunidades locais enfrentaram a perda de terras produtivas e a submersão de espaços que eram parte essencial de sua vida cotidiana. O lago resultante dessa construção alterou a paisagem, substituindo campos e florestas por uma vasta extensão de água, impactando diretamente as atividades econômicas da região, como a agricultura e a pesca. Além disso, as memórias e as histórias das gerações anteriores sobre a Aguiarnópolis antes da barragem se tornaram um elemento central na formação da identidade dos moradores. As crianças, por exemplo, crescem em um contexto em que o lugar onde habitam é simultaneamente um espaço de novas oportunidades e um repositório de lembranças sobre o que foi perdido, evidenciando, com isso, a complexidade das transformações que moldam não apenas a geografia física, mas também a cultura e as relações sociais da comunidade.

Sob a perspectiva geográfica, a categoria “lugar” ajuda a entender as significativas mudanças que ocorreram em Aguiarnópolis devido às inundações provocadas pela barragem. A cidade passou por uma transformação radical, com a alteração de sua paisagem e a necessidade de reorganização dos espaços urbano e rural. O alagamento de áreas anteriormente habitadas e produtivas impactou diretamente a estrutura física da cidade e a vida de seus habitantes, que precisaram se adaptar às novas condições impostas pelo grande lago formado.

A criação desse lago modificou as rotas de acesso e o uso do território, afetando desde as áreas de lazer até os locais de moradia. Os desafios socioeconômicos que surgiram após a obra também redefiniram as dinâmicas locais, desde a mobilidade urbana até o desenvolvimento de novos espaços comerciais.

Sob a perspectiva dos estudantes pesquisados, as transformações do lugar em Aguiarnópolis vão além das mudanças físicas na paisagem. Crescendo em um ambiente

onde o lago e as áreas alagadas fazem parte de sua rotina, essas crianças experimentam uma nova configuração territorial que, para elas, já é natural. No entanto, as histórias contadas por suas famílias sobre o passado de Aguiarnópolis, antes da construção da barragem, criam um elo entre o que foi perdido e o que foi reconstruído. Esse contraste entre o vivido e o narrado molda a compreensão que as crianças têm do lugar, oferecendo uma visão única sobre a relação entre espaço, identidade e memória. Dessa forma, as transformações territoriais são percebidas não apenas como mudanças ambientais, mas também como elementos que influenciam a maneira como as crianças se conectam e interpretam o lugar onde vivem.

Para a organização didática da discussão proposta, o presente ensaio está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, abordaremos como as crianças representam as transformações no lugar a partir da Usina Hidrelétrica de Estreito. Na segunda parte, discutiremos a importância do lugar como categoria geográfica na análise das transformações socioespaciais na escola.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2024, em atividade pedagógica realizada com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva. Participaram da atividade estudantes regularmente matriculados em uma turma da escola, escolhida por apresentar faixa etária em que já se observa maior capacidade de abstração, elaboração simbólica e interpretação das transformações territoriais a partir de experiências cotidianas e narrativas de seus familiares.

Quanto aos procedimentos éticos, a atividade ocorreu com autorização institucional da unidade escolar, preservando-se a identidade dos estudantes. O desenho utilizado neste artigo foi incorporado para fins exclusivamente acadêmicos e pedagógicos, sem exposição nominal do estudante participante.

A relevância deste estudo reside em aproximar o ensino de Geografia das experiências concretas dos sujeitos escolares, pois, como afirma Straforini dialogando com Cavalcanti (2018, p. 178), “ensina-se, por meio dos conteúdos, a perceber a espacialidade da realidade”. Nesse sentido, compreender como crianças interpretam a

barragem significa compreender como o pensamento geográfico se forma a partir do lugar vivido.

Cabe ressaltar aqui que, embora os autores usados neste texto partam de matrizes teóricas e orientações metodológicas distintas, sua articulação não representa incompatibilidade, mas sim uma possibilidade de leitura ampliada da complexidade do objeto investigado. A temática das transformações socioespaciais provocadas pela barragem de Estreito, quando observada a partir das representações de estudantes do Ensino Fundamental, exige um diálogo entre perspectivas que permitam compreender simultaneamente o espaço produzido, o lugar vivido, a memória social e os processos de aprendizagem geográfica. Nesse sentido, autores como Tuan, ao enfatizar a experiência e a dimensão sensível do lugar, dialogam com Callai, Cavalcanti e Straforini, que focalizam o ensino de Geografia e a formação do pensamento geográfico na escola. Essa aproximação teórica permite compreender que a leitura dos estudantes sobre o espaço não se limita à descrição empírica da paisagem, mas envolve elaboração simbólica, mediação conceitual e construção de sentidos sobre o território vivido. Assim, a presença de diferentes referenciais fortalece a análise, pois reconhece que o fenômeno estudado não pode ser explicado por um único caminho metodológico.

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi a qualitativa, cuja principal característica é produzir informações mais aprofundadas sobre o tema em questão. É importante ressaltar que a pesquisa qualitativa é, por natureza, exploratória, o que a torna fundamental para a compreensão dos detalhes de um assunto ou problema (Minayo, 1992). A pesquisa qualitativa, ao se concentrar na exploração das percepções das crianças, permite uma compreensão mais rica do significado que elas atribuem às transformações de Aguiarnópolis. Ao captar os detalhes das experiências diárias, as narrativas familiares e as representações artísticas, como os desenhos, essa metodologia revela como as crianças assimilam a memória do lugar e o impacto da barragem em suas vidas. Além disso, a abordagem qualitativa possibilita uma análise profunda das emoções, dos sentimentos e dos significados que cercam a identidade das crianças em relação ao seu ambiente, promovendo um diálogo entre o passado e o presente que é essencial para o entendimento do lugar que habitam.

A opção pela abordagem qualitativa também se justifica porque, de acordo com Callai (2011), a educação geográfica deve ultrapassar a simples transmissão de conteúdos e permitir ao sujeito compreender a dinâmica do mundo por meio de sua espacialidade. Assim, os desenhos produzidos pelos estudantes foram assumidos como linguagem de expressão territorial, permitindo captar sentidos atribuídos ao espaço vivido.

Nesta linha de pensamento, Cavalcanti destaca que o ensino de Geografia deve desenvolver nos alunos a capacidade de pensar geograficamente, uma vez que “os conceitos geográficos são instrumentos que interferem na relação do sujeito com o mundo” (Cavalcanti, 2012). Nessa direção, a leitura dos desenhos não foi tratada apenas como recurso ilustrativo, mas como mediação entre experiência cotidiana e elaboração conceitual.

A construção de Estreito e a representação das crianças do Colégio Girassol de Tempo Integral

A percepção das crianças sobre as transformações territoriais é um fenômeno que estimula reflexões, especialmente em locais como Aguiarnópolis, onde a construção da barragem alterou significativamente a paisagem e a dinâmica da vida local. As crianças do Colégio Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva, que cresceram em um contexto pós-barragem, vivem uma realidade em que o lago e as áreas alagadas se tornaram parte integrante de seu cotidiano. No entanto, para elas, essas mudanças não são apenas elementos naturais; são também reflexos de histórias contadas por pais e avós que vivenciaram o impacto da barragem. Essas narrativas criam um elo entre o passado e o presente, moldando a maneira como essas crianças compreendem seu lugar no mundo e como se relacionam com o espaço que habitam.

O lago e as áreas alagadas fazem parte do seu cotidiano, sendo elementos naturais para essa geração. As histórias acerca de como Aguiarnópolis era antes da barragem, contadas por seus pais e avós, criam uma imagem de um lugar que elas não vivenciaram, mas que influencia sua percepção do presente. Tais transformações do

lugar são percebidas pelos estudantes através de desenhos tratando sobre o antes e o depois da barragem. O entendimento se dá pelas histórias dos seus parentes que vivenciaram o impacto da barragem assim que foi construída.

Figura 1 - Desenho de um estudante do 8º ano do Ensino Fundamental



Fonte: AMARIO, Lucas (2024).

A figura 1, ilustrada por um estudante do Colégio Girassol de Tempo Integral Nazaré Nunes da Silva, mostra as transformações na paisagem da chácara de sua avó após a construção da barragem de Estreito, no Maranhão. Em uma das descrições, ele cita: “o rio antes era uma floresta”, e isso revela como o espaço natural foi alterado com a inundação cobrindo grande parte da vegetação nativa. Na outra descrição, o estudante menciona um impacto ambiental: “árvores em decomposição”, tratando sobre a perda da biodiversidade e os impactos ambientais visíveis após o alagamento. Através de conversas com seus pais, descreve como o lugar era, antes da barragem, abundante em espécies da fauna e da flora, contrastando com o cenário atual de águas estagnadas e vegetação morta. Esses relatos sobre o “antes e depois” reforçam a compreensão do estudante a respeito das mudanças drásticas ocorridas, como a perda da floresta e o impacto direto na vida da comunidade local.

Cabe ressaltar que, o desenho apresentado revela mais do que memória familiar: ele constitui uma forma de raciocínio geográfico em construção. Ao representar a antiga floresta, a área inundada e a decomposição vegetal, o estudante mobiliza noções de

transformação espacial, permanência e mudança, aproximando-se daquilo que Straforini (2018) denomina prática espacial de significação.

Conforme Straforini (2018, p. 175), defender a Geografia escolar implica reconhecer que ela possibilita “uma leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo”. No caso analisado, o estudante transforma narrativa familiar em leitura territorial, evidenciando que o lugar é apropriado como experiência concreta e como memória herdada. Há, portanto, um diálogo entre representação gráfica e formação do pensamento geográfico, pois, de acordo com Cavalcanti (2012), ensinar Geografia é ensinar um modo de pensar por meio dos conteúdos, permitindo que o aluno perceba a espacialidade dos fenômenos sociais.

No contexto da observação do lugar, o desenho pode contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem das crianças, estimulando tanto a criatividade quanto a liberdade de pensamento. De acordo com Andrade et al. (2007, p. 3), “ele se apresenta como uma ferramenta essencial nesse processo, atuando como um importante motivador para a aprendizagem. As crianças, ao desenharem suas percepções sobre o ambiente, muitas vezes captam detalhes e mudanças que podem passar despercebidos aos olhos dos adultos”. No caso do impacto da barragem, o desenho do aluno reflete essa capacidade de observação crítica ao ilustrar as árvores em decomposição e a transformação do espaço natural, oferecendo uma visão autêntica sobre o “antes e depois” do local.

O desenho não apenas oferece uma janela para a percepção que as crianças têm do mundo, mas também facilita a compreensão de mudanças complexas no conceito geográfico de lugar. Quando as crianças são incentivadas a expressar transformações ambientais e sociais, como o impacto de uma barragem, elas revelam uma relação íntima com o lugar, entendendo-o como um espaço vivido e modificado. Ao ilustrar essa relação por meio do desenho, elas não apenas representam o local físico, mas também sentimentos e significados associados. Dessa forma, o desenho se consolida como uma ferramenta pedagógica poderosa, permitindo que as crianças reflitam criticamente sobre a dinâmica do lugar, conectando o aprendizado geográfico à sua experiência pessoal e cotidiana.

Essa compreensão reforça a importância do conceito de lugar na geografia, pois, como bem expõe Serres,

A vida reside, habita, mora, aloja-se, não consegue passar sem um lugar. Dir-se-ia que ela desenha e codifica a sua definição... um lugar nunca é isolado no mundo e nem exclusivamente separado dos outros lugares, sendo que as fronteiras ao mesmo tempo em que demarcam limites, são transitoriedades entre os aspectos que são da natureza, que são da cultura, enfim, do fazer e do viver a vida (1994, p. 40).

Assim, as crianças do Colégio Girassol vivem entre dois mundos: de um lado, o que elas conhecem e vivenciam no presente, com uma nova configuração espacial e econômica, e de outro, as narrativas sobre uma Aguiarnópolis anterior à barragem, que já não faz parte de suas experiências diretas, mas molda o sentido de lugar transmitido por suas famílias.

A importância do lugar no ensino de Geografia

O conceito de “lugar” é fundamental para o ensino de Geografia, pois proporciona uma conexão direta entre os conteúdos teóricos e a realidade vivida pelos alunos. O lugar não é apenas um espaço físico; é também um ambiente carregado de significados, memórias e relações sociais. Compreender o lugar onde vivem permite que os alunos desenvolvam um senso crítico sobre seu entorno, reconhecendo as transformações sociais, culturais e ambientais que o afetam.

O conceito de lugar, nessa pesquisa, não aparece apenas como categoria teórica, mas como dimensão concreta da experiência escolar. As crianças reconhecem no espaço atual marcas de processos anteriores narrados por familiares, produzindo uma leitura territorial que articula presente e passado. Nesta perspectiva, Callai (2011, p. 3) afirma que educação geográfica significa “transpor a linha de simplesmente obter informações para realizar aprendizagens significativas”. Isso implica compreender que o lugar ensinado na escola deve emergir da realidade vivida pelo estudante, permitindo que ele reconheça sua inserção no mundo.

Nessa mesma direção, Cavalcanti (2012) argumenta que o ensino de Geografia precisa formar conceitos e não apenas transmitir conteúdos, pois os conceitos são instrumentos de leitura do real. Assim, ao trabalhar as transformações da barragem a partir dos desenhos, o professor mobiliza o lugar como mediação concreta para a formação do pensamento geográfico.

No contexto de Aguiarnópolis, as mudanças provocadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Estreito exemplificam como o lugar pode ser um campo fértil para a aprendizagem geográfica. As crianças do Colégio Girassol, ao explorarem a dinâmica de seu município, podem observar como as inundações alteraram não apenas a paisagem, mas também a vida cotidiana das famílias e a identidade local. Essa vivência direta do lugar enriquece o processo educativo, tornando a Geografia mais significativa e aplicável ao cotidiano dos alunos.

Além disso, ao relacionar o conceito de lugar com as experiências e memórias familiares, os professores podem estimular discussões sobre a identidade cultural, as relações sociais e os impactos das intervenções urbanas e ambientais. A aprendizagem se torna mais significativa quando os alunos conseguem vincular os conteúdos geográficos a suas próprias vivências, promovendo uma reflexão crítica a respeito de temas como desenvolvimento sustentável, preservação ambiental e justiça social. Com isso, o conceito de lugar se torna um elemento central para a compreensão geográfica, na medida em que conecta a dimensão física dos espaços com as experiências emocionais e sociais dos indivíduos, permitindo que os alunos entendam o lugar como uma construção dinâmica, repleta de significados e relações humanas. Conforme Tuan, o lugar

[...] se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos (1983, p. 203).

A citação de Tuan (1983) se relaciona diretamente com o tema abordado porque enfatiza como as experiências sensoriais moldam a percepção das crianças com relação às transformações territoriais em Aguiarnópolis. As crianças do Colégio Girassol, ao

crescerem em um contexto pós-barragem, vivenciam diariamente a “mistura singular de vistas, sons e cheiros” que caracteriza seu ambiente. Essas experiências cotidianas, embora possam parecer comuns e pouco dramáticas, são fundamentais para a construção de sua identidade em relação ao lugar que habitam.

A citação de Tuan (1983) também se relaciona de forma significativa com o tema, pois enfatiza como a experiência sensorial e emocional molda a percepção que temos dos espaços que habitamos. No contexto do ensino de Geografia, compreender um lugar vai além de dados geográficos e características físicas; envolve também as experiências vividas, as interações sociais e a cultura que permeiam esses espaços.

Tuan (1983) destaca que o sentir um lugar é registrado por nossos “músculos e ossos”, o que reforça a ideia de que a vivência de um espaço é uma construção multifacetada que abrange aspectos sensoriais, emocionais e sociais. No ensino de Geografia, essa perspectiva é essencial porque permite que os alunos desenvolvam uma conexão mais profunda com o lugar, integrando suas vivências pessoais às informações geográficas.

Ao ensinar sobre o lugar, é importante considerar as narrativas das crianças acerca do impacto da barragem em seu cotidiano. As experiências sensoriais que elas vivenciam diariamente (as transformações visuais, sonoras e até olfativas do ambiente) se tornam ferramentas poderosas para a aprendizagem. Isso não só enriquece a compreensão dos alunos sobre geografia, mas também fortalece seu vínculo com o lugar, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada que considera o lugar como um elemento dinâmico e vivo na formação da identidade e da cultura dos indivíduos.

Conforme Callai (2020), a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico e na construção do conhecimento, servindo como um espaço onde os alunos aprendem a refletir sobre o que a humanidade e a ciência produziram ao longo da história. Nesse sentido, a temática é crucial porque a escola deve proporcionar um ambiente em que os alunos não apenas adquiram informações geográficas, mas também desenvolvam a habilidade de analisar e

compreender as dinâmicas dos lugares que habitam, fomentando uma leitura crítica da realidade e das transformações sociais e ambientais que os cercam.

Portanto, ao considerar a importância do lugar no ensino de Geografia, é essencial promover um ambiente educativo que valorize as experiências sensoriais e as narrativas dos estudantes sobre suas vivências cotidianas. Isso não apenas enriquece o aprendizado, mas também ajuda as crianças a desenvolverem uma consciência crítica a respeito das transformações que afetam seu entorno, como o impacto da barragem de Estreito. Ao integrar esses elementos no currículo, a educação geográfica se torna um instrumento poderoso para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados, que compreendem a complexidade de seu lugar no mundo e a importância de preservar sua identidade cultural e ambiental frente às mudanças que vivenciam.

Considerações finais

A análise das percepções das crianças sobre as transformações territoriais em Aguiarnópolis, especialmente no contexto da construção da barragem de Estreito (MA), revela a importância crucial de se considerar o conceito de lugar no ensino de Geografia. As experiências sensoriais desempenham um papel vital na formação da identidade das crianças, permitindo-lhes não apenas compreender as mudanças no ambiente que habitam, mas também conectar essas transformações a suas vivências pessoais e à memória coletiva da comunidade. O desenho, como ferramenta pedagógica, emerge como um meio poderoso de expressão e reflexão crítica, proporcionando uma representação visual das experiências que ajudam a moldar a percepção do lugar.

Além disso, a escola deve atuar como um espaço que valoriza essas experiências, promovendo um aprendizado significativo que articule teoria e prática. Ao integrar as vivências sensoriais dos alunos às discussões sobre as dinâmicas sociais e ambientais, os educadores têm a oportunidade de formar cidadãos mais críticos e engajados, aptos a refletir sobre o impacto das intervenções humanas em seu entorno e a importância da preservação de sua identidade cultural. Assim, ao se aprofundar no conceito de lugar, a educação geográfica se torna uma ferramenta essencial para a formação de indivíduos

conscientes, capazes de navegar nas complexidades do mundo contemporâneo e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Retomando o objetivo do estudo que é o de analisar as transformações geográficas e sociais em Aguiarnópolis decorrentes da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito a partir da categoria lugar, os resultados mostram que os estudantes constroem leituras territoriais a partir de memórias familiares e experiências cotidianas. Mesmo sem terem vivido diretamente o período anterior à barragem, os estudantes elaboram interpretações espaciais que revelam permanências simbólicas do território perdido.

Conforme Straforini (2018), o ensino de Geografia se justifica quando mobiliza conhecimentos capazes de produzir leitura crítica do mundo. Nesse caso, os desenhos demonstram que práticas simples em sala de aula podem produzir dados significativos para a compreensão geográfica das grandes intervenções territoriais.

Em Aguiarnópolis, as crianças vivenciam um lugar que é, simultaneamente, um espaço de vivências cotidianas e um reflexo de histórias passadas, especialmente no contexto das mudanças provocadas pela barragem de Estreito, no Maranhão. O lugar, nesse contexto, se torna uma construção multifacetada que é moldada pelas experiências sensoriais e pelas narrativas familiares, permitindo que os alunos compreendam as complexas interações entre o ambiente e a identidade cultural. Ao explorar o conceito de lugar, é possível perceber como as transformações ambientais, sociais e econômicas influenciam a maneira como as crianças se relacionam com seu espaço, enriquecendo sua formação geográfica e promovendo uma leitura crítica da realidade que as cerca. Essa compreensão é essencial para que os alunos desenvolvam uma consciência crítica acerca do seu entorno, reconhecendo a importância de preservar sua identidade e sua cultura em meio às mudanças constantes.

Referências

ANDRADE, A. F.; ARSIE, K. C.; CIONEK, O. M.; RUTES, V. P. B. A contribuição do desenho de observação no processo de ensino-aprendizagem. Curitiba, Paraná: **GRAPHICA**, 2007.

CALLAI, H. C. Na geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXIV, n. 1, jan./dez. 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxi_v_1-04.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

CALLAI, H. C. O conhecimento geográfico e a formação do professor de geografia. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, Número especial EGAL, vol. 2, II semestre 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2598/2481>. Acesso em: 15 set. 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 1. edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992. 57 p.

OLIVEIRA, G. S.; MACHADO, L. M.; SIEBEN, A. Acampamento Coragem no município de Palmeiras do Tocantins (TO) e os impactos da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA).

Revista de Ciências Humanas UFV, v. 21, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/11853/6699>. Acesso em: 14 out. 2024.

SERRES, M. **Atlas**. Lisboa (Portugal): Editions Julliard, 1994.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, 2018. Disponível em:

https://revistas.usp.br/eav/pt_BR/article/view/152621/149092. Acesso em 18 fev. 2020.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido: 04/02/2025 Publicado: 19/04/2026

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito